

de superioridade de meios de guerra eletrônica, certamente a análise de crateras será um dos protagonistas das atividades de inteligência, voltadas para a busca de posições da artilharia inimiga.

Dessa forma, acredito que os novos equipamentos não devam substituir o conhecimento, ou seja, o “know-how”, pois na ausência deles a única opção que nos restará será a de adotar os “velhos” procedimentos, ainda que considerados rudimentares e ultrapassados nos dias de hoje.

Assim, a manutenção do processo de análise de crateras em nossas prateleiras de conhecimento profissional não denota “romantismo”, mas sim a capacidade de independência de tecnologias para a manutenção de nossa prontidão operativa, no que se refere à busca de posições de obuses, morteiros ou lançadores de foguetes inimigos.

Embora o parágrafo anterior possa ter denotado uma certa aversão às novas tecnologias, defendo a idéia de que o CFN deva sempre buscar o estado da arte, pois somente assim estaremos efetivamente preparados para o pronto emprego de nossas tropas. Considero que as novas tecnologias e os procedimentos básicos, a exemplo da análise de crateras, não devam ser processos excludentes, mas sim

complementares, pois na ausência ou inoperância de modernos equipamentos ainda seremos capazes de cumprir a nossa missão.

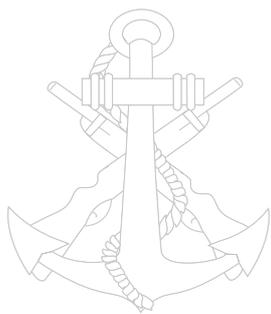
Encerro esta matéria mencionando um texto do manual FM 6-121 *Appendix B – Crater Analysis and Reporting (U.S.Army)*, no qual fica evidenciada a preocupação com a “democratização” do conhecimento para a realização da análise de crateras e, principalmente, com o “saber fazer”, mesmo em um país cujas Forças Armadas dispõem das mais sofisticadas tecnologias em seus acervos bélicos.

*“Although greater reliance should be placed on reports from trained teams, all personnel should know how to analyse craters and make the proper report.”*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Estado-Maior do Exército. C 6-121: a busca de alvos na Artilharia de Campanha. 1. ed. Brasília, DF, 1978.

GLOBAL SECURITY. Department of the army. FM 6-121: tactics, techniques, and procedures for field artillery target acquisition. Washington, DC, 1990.



CMG (FN) Renato Rangel Ferreira  
renato@cgcfm.mar.mil.br

## Haiti - Experiências do 10º GptOpFuzNav

Em novembro de 2008 as Forças Armadas Brasileiras enviaram ao Haiti o seu 10º contingente de tropa para participar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). Para tanto, foram ativados pelo Ministério da Defesa, o 10º Batalhão de Infantaria de Força de Paz do Brasil (BRABATT), comandado pelo Coronel Francisco Mercês de Oliveira, e a 8ª Companhia de Engenharia de Força de Paz (BRAENCOY), comandada pelo Tenente-Coronel Fernando Ferreira Elesbão.

A participação da Marinha do Brasil nessa missão da ONU, durante a atuação do 10º contingente, ocorreu pelo envio do NDCC Mattoso Maia em novembro de 2008, do NDD Rio de Janeiro em junho de 2009 e pela constituição de um Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (10ºGptOpFuzNav-HAITI) para atuar sob a subordinação do BRABATT. Esta foi a quarta vez que o Batalhão Paissandu nucleou este grupamento operativo que contou com um efetivo total de 19 oficiais e 190 praças.

Este artigo pretende relatar as experiências do 10ºGptOpFuzNav-HAITI, desde sua ativação em 06 de julho de 2008 até sua desativação em 06 de agosto de 2009. Serão abordados aspectos referentes ao período de preparação, à transferência da Base de Fuzileiros Navais no Haiti Acadêmica Raquel de Queiroz (BFNHARQ) para as suas novas instalações no chamado Campo Charlie, às atividades operacionais realizadas pela tropa no terreno e aos dois turnos das eleições senatoriais.

Merecerá destaque o relato sobre o emprego da Seção de Assuntos Cívicos, onde o grupamento, pautado em documentos doutrinários internacionais, experimentou, com sucesso, novas práticas operacionais. A atuação dessa seção está relacionada a uma das principais lições aprendidas: a importância de se aprender a navegar no “Terreno Cultural”.

Como ponto de maior relevância de toda a missão, será destacado o Espírito de Corpo deste Grupamento-Operativo, uma forma de energia de difícil mensuração, mas que, sem sombra de dúvida, permeou todas as atividades e permitiu que o soldado Fuzileiro Naval granjeasse a admiração de diversos setores da MINUSTAH.

### Preparação

A preparação do 10ºGptOpFuzNav-HAITI começou antes mesmo de sua ativação. O Batalhão Paissandu, designado para nuclear pela quarta vez o grupamento, recebeu, em dezembro de 2007, os militares do 7º contingente que trouxeram informações valiosas e atualizadas sobre a situação operacional em Porto Príncipe. Até então, as tropas que regressavam traziam notícias sobre a tensão e o nível de violência enfrentados no terreno.

As novas informações, por sua vez, relatavam a dita “pacificação” do Haiti. Apesar de ainda efêmera, a calma operacional sinalizava para uma necessária adaptação na preparação da tropa. Todos deveriam estar aptos para continuar a atuar no extremo da violência em combate, mas, ao mesmo tempo, deveriam estar preparados para desencadear um número cada vez maior de ações humanitárias em proveito da população.

Como decorrência direta dessa mudança da situação, o Comando do Grupamento valeu-se, no nível teórico, de dois conceitos que mereceram destaque durante toda a fase da preparação: “Guerra em Três Quarteirões” e “Cabo Estratégico”. Ambos os conceitos puderam ter seu valor e pertinência comprovados durante o cumprimento da missão.

## Guerra em Três Quarteirões

Com base neste conceito, desenvolvido pelo (United States Marine Corps – USMC), busca-se demonstrar toda a complexidade do espectro de desafios a serem enfrentados pelos soldados nos campos de batalha do futuro.

O campo de batalha será, provavelmente, urbano, o que justifica a referência a quarteirões já em seu título. Nele, todo soldado deverá estar capacitado a conduzir ações no extremo da violência em combate, participar de Operações de Paz com a necessária neutralidade, e se empenhar em operações de ajuda humanitária, tudo isso dentro do curto espaço hipotético de três quarteirões consecutivos.

Assim, previu-se que todos os militares deveriam estar prontos para atuar no ambiente urbano executando, simultaneamente, ações com diferentes posturas operacionais. Além de saber empregar diferentes graus de violência em suas ações, o militar deveria poder alternar rapidamente de uma para outra postura. Crescem de importância o controle mental e moral sobre sua própria força e a liderança em pequenos escalões, o que nos remete ao conceito seguinte do “Cabo Estratégico”.

## Cabo Estratégico

Este conceito destaca a importância da liderança nos pequenos escalões em ambientes e situações complexos, onde os militares devem estar habilitados a agir independentemente e tomar importantes decisões na frente de contato para melhor explorar as oportunidades que se apresentem.

Em missões onde a situação pode evoluir rapidamente, aguardar por instruções de um comando situado em local muito remoto pode significar o insucesso da ação. Por outro lado, as decisões tomadas por estes militares na frente de contato, podem comprometer o sucesso da missão muitos escalões acima. Assim, torna-se fundamental que os líderes, particularmente os de pequenas frações, estejam capacitados a tomar decisões rápidas e adequadas.

No complexo e instável ambiente operacional moderno, as decisões tomadas por um cabo, nor-

malmente o comandante da menor fração constituída, a Esquadra-de-Tiro, devem atender a dois propósitos: devem ser rápidas e oportunas; mas, ao mesmo tempo, não devem comprometer a missão dos escalões superiores. A decisão tática do cabo pode ter uma repercussão no nível estratégico.

Além da atenção reservada à correta assimilação desses conceitos, uma variada gama de instruções compôs o pacote de adestramento para o Haiti. O fato de o Batalhão Paissandu estar indo pela quarta vez à missão foi um grande facilitador, pois permitiu a composição de uma equipe de adestramento com experiência real a ser transmitida.

Assim, destaco os seguintes adestramentos como de grande relevância para o sucesso da missão:

- Cultura: conforme atestam diversos documentos doutrinários internacionais, o conhecimento cultural do país anfitrião é um dos pontos de maior importância na preparação para o emprego da tropa. Tal conhecimento abrange aspectos relacionados à religião, caráter do povo, crenças, aspectos históricos, dentre outros e facilitam a compreensão da maneira de pensar e agir do povo haitiano, alvo de todas as nossas ações.

- Tiro: é fundamental que todos os integrantes, sem exceção, sejam familiarizados com o ambiente operacional urbano e com os armamentos e técnicas de tiro a serem empregados. As pistas do Batalhão Paissandu de Entrada em Compartimento, de Tiro de Combate Urbano e de Tiro de Assalto demonstraram ser equipamentos excelentes para este adestramento.

- Armamento não-letal: atualmente, encerrados os combates abertos e com uma maior presença no terreno da mídia e de agências internacionais, esse tipo de armamento é a opção mais provável para o emprego de força. Permite a observância do fundamental princípio da proporcionalidade. Particularmente, o emprego da espingarda militar com munição de borracha tem sido de bastante utilidade. Recomenda-se que não haja deslocamento de viatura sem ao menos uma espingarda e as patrulhas a pé devem portar pelo menos duas delas. O adestramento para o emprego de outros armamentos como a granada de luz e som, o spray de pimenta, a granada de gás lacrimogêneo e o cassetete elétrico são, também, indispensáveis.



- Regras de Engajamento: todos os militares devem dominar completamente o emprego das Regras de Engajamento. Não basta decorar. Compete aos oficiais, não apenas durante a preparação como durante o desenrolar da missão, fazer a tradução das regras escritas para situações reais, clarificando, para todos, o seu emprego.

- Idiomas: fundamental para a interação com a população. Vale registrar que a estabilização do Haiti implica na sensação de segurança que deve emanar de sua própria população. É ela, portanto, quem precisa ser protegida e assistida. Neste sentido, o domínio do idioma crioulo pelos militares que entram em contato com a população transforma-se num multiplicador das capacidades do grupamento, seja para obter informes, identificar necessidades, interagir com as lideranças locais ou esclarecendo as pessoas sobre o papel que estamos desenvolvendo.

- Controle de Distúrbios: o povo haitiano, em Porto Príncipe, apresenta a característica de ser facilmente mobilizável para as mais diversificadas manifestações de protesto. Em seu modelo mais freqüente, eles se aglomeram em locais-chave e expressam suas reivindicações de forma agressiva aos olhos brasileiros. Assim, torna-se importante o domínio, por todos os componentes, das técnicas de controle de distúrbios.

- Conduta Militar: todos os militares devem chegar ao Haiti com o perfeito entendimento do que é participar de uma missão de paz pela ONU. Isso abrange a noção de que estamos representando o país e a Marinha do Brasil para espectadores de todo o mundo. Somos observados não apenas pela nossa conduta operacional, mas, talvez até, com maior atenção, pela nossa conduta pessoal. O respeito ao cidadão haitiano é primordial. Torno a ressaltar: nossa missão é proteger o povo e não agredi-lo indiscriminadamente, uma sutil diferença não percebida por todos. O trato com mulheres e crianças deve ser sempre diferenciado e alvo de constante vigilância e orientação por parte do Comando. O relacionamento com os pares pode gerar animosidades decorrentes do afastamento familiar, da convivência confinada diária e diuturna com outros militares e de uma certa sensação de perigo constante. Todos estes aspectos devem ser trabalhados durante a fase da preparação, pois um deslizamento em algum desses campos pode comprometer todo o trabalho de vários contingentes.

## A Nova BFNHARQ

O 10ºGptOpFuzNav-Haiti organizou-se em cinco escalões para transladar-se para o Haiti. Espaçados em quatro ou cinco dias, entre 16 de novembro e 02 de dezembro de 2008, todos os escalões estavam em Porto Príncipe. Uma regra importante que demonstrou ser de grande valia foi a de se colocar no primeiro vôo, todos os militares com funções-chave e acertar para que seus homólogos do 9º contingente regressassem no último vôo. Assim, houve uma superposição de cerca de quinze dias para a passagem dessas funções.

A primeira grande tarefa do 10º contingente foi a de executar a mudança da BFNHARQ para suas novas instala-

ções no Campo Charlie. Esta incomensurável faina logística foi conduzida com maestria pelo então CF (FN) Giovanni Farias de Souza, que comandara o 9ºGptOpFuznav-Haiti e comandou o 10º até o dia 06 de janeiro de 2009.



Torna-se necessário registrar a complexidade da tarefa. Inicialmente, cabe situar o contexto. A MINUSTAH é uma organização multinacional composta por civis e militares de diversas nacionalidades e culturas e com diferentes experiências profissionais. Dentro desse contexto, o grupamento é subordinado ao BRABATT e este, por sua vez, é subordinado ao Force Commander, levando muitos setores da MINUSTAH, principalmente os logísticos, que não pertencem à estrutura militar, não percebiam o grupamento como uma unidade independente.

A área estabelecida para receber o grupamento, até outubro de 2008, era um completo descampado e para haver a mudança, as instalações físicas de alojamentos, escritórios, rancho, banheiros, luz e água deveriam estar prontas. Mais de setenta containeres deveriam ser trasladados para a nova base e corretamente posicionados de acordo com suas funções. Toda a parte de comando, controle, comunicações, rancho, alojamento e garagem deveriam ser transferidos sem solução de continuidade. Os meios e equipamentos necessários para executar a transferência eram controlados pelo setor logístico da MINUSTAH, e não estavam à disposição do grupamento, nem eram de fácil acesso. Isso tudo ocorrendo simultaneamente às patrulhas e operações.

Após meses de difíceis negociações, mas de esmerados planejamento e execução, pôde o Comandante Giovanni içar o pavilhão nacional no mastro da nova base na manhã de 06 de janeiro de 2009. À noite desta mesma data, ocorreu a passagem de comando do 10ºGptOpFuzNav-Haiti.



# Organização

A exemplo dos contingentes anteriores, o 10ºGptOpFuzNav-Haiti estava organizado para o combate da forma apresentada na figura abaixo.



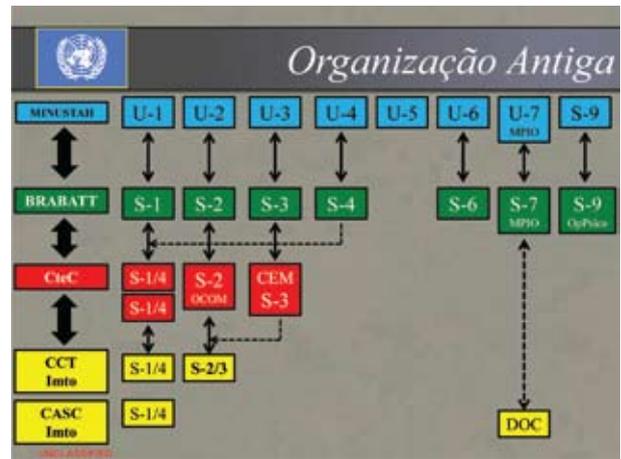
Em janeiro de 2009 o comando do 10ºGptOpFuzNav decidiu reorganizar o seu Estado-Maior. Esta decisão advinha do fato do grupamento estar com duplicidade de algumas funções e lacunas em outras. Tínhamos quatro Oficiais de Pessoal/Logística (S-1/4). Não tínhamos Oficial de Assuntos Cíveis (S-9), uma função com uma enorme demanda de atividades. O Oficial de Inteligência do Componente de Comando (CteC) acumulava com a função de Oficial de Comunicações, duas funções com muito trabalho: as comunicações, particularmente devido à mudança da base e à necessidade de manter comunicações com o Brasil e dentro da Área de Operações; e a inteligência que passava a ter que direcionar o emprego da Equipe de Comandos Anfíbios (ECANf) que foi reagrupada deixando de operar de forma descentralizada em apoio aos pelotões.

Uma outra forte razão para a mudança organizacional foi a intenção de alinhar e abrir canais técnicos de comunicação específicos entre o EM do grupamento e os EM do seu comando operacional superior, o BRABATT, e o do Componente Militar da MINUSTAH. Esses canais, ao longo da missão, permitiram ampliar bastante o espectro de atuação deste grupamento.

O novo EM do CteC passou a ter a seguinte configuração: um Oficial de Pessoal (S-1) dedicado; um Oficial de Inteligência (S-2), direcionando a ECANf; dois oficiais na Seção de Operações (S-3), acumulando com o Comando do CCT; um Oficial de Logística (S-4) dedicado; um Oficial de Comando e Controle (S-6); e um Oficial de Assuntos Cíveis (S-9) que acumulava a função de Oficial de Operações Psicológicas.

O Chefe-do-Estado-Maior passou a desempenhar, cumulativamente, a função de Imediato, haja vista a enorme demanda por fainas administrativas de uma base no exterior.

As figuras a seguir representam a mudança operada.



Ao longo do período da missão, a nova organização do EM mostrou-se bastante adequada. Todas as seções criaram vínculos com seus homólogos num processo sinérgico e muito produtivo. Este, sem dúvida, foi um dos fatores que contribuiu para o excelente relacionamento desfrutado entre o grupamento e o batalhão do Exército Brasileiro.

## Centro de Operações de Paz

Um dos maiores desafios enfrentados durante a missão foi o de empregar a recém ativada Seção de Assuntos Cíveis.

É importante registrar que o atual contexto em que se insere a MINUSTAH, onde se percebe uma crescente vivificação da economia e uma atuante rede de assistência humanitária, decorre, em boa medida, do trabalho da Embaixada do Brasil no Haiti. É bem nítido o envolvimento pessoal do Embaixador, Sr. Igor Kipman, e da Embaixatriz, Sra. Roseana Kipman, em diversas atividades dessa natureza carente. As ingerências da embaixada atraem doações de toneladas de arroz e leite em pó, que, atracados em Porto Príncipe, demandam uma estrutura operacional para finalizar sua distribuição.

A atuação da tropa na atividade de distribuição de alimentos fortalece os laços de confiança com a população haitiana.

Em uma das mais motivantes operações, o 10ºGptOpFuzNav planejou e executou, em fevereiro de 2009, o transporte de alimentos de Porto Príncipe até a cidade de

Gonaïves, que havia sido fortemente atingida por uma série de furacões no ano anterior. Essa missão contou com a participação pessoal da Embaixatriz Roseana Kipman, que, embarcada na boléia de um UNIMOG, percorreu os 140 quilômetros de estradas altamente degradadas para doar os alimentos às freiras daquela cidade.



Tomando-se como base documentos doutrinários da ONU, assim como das Forças Armadas norte-americanas, decidiu-se por ativar o Centro de Operações de Paz (COP), em substituição ao Centro de Operações de Combate (COC). Esta alteração na denominação, por si só já assinalava a mudança de postura operacional que deveria sofrer o grupamento após o término das grandes operações de combate advindas do processo de pacificação concluído no início de 2007. Ela, também, trazia o Centro de Operações para a esfera do CteC, demonstrando que as operações ali planejadas, eram em proveito do grupamento como um todo e não apenas do CCT. Assim, todos deveriam viver uma “Única Batalha” (ou *Single Battle* no conceito do USMC, essencial para um adequado emprego de Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais).

Além disso, o COP serviria para integrar e coordenar os trabalhos de três seções fundamentais para o sucesso de Operações de Estabilização: Inteligência, Operações e Assuntos Cíveis. A Seção de Inteligência, com seus elementos de busca, deveriam produzir conhecimentos para puxar o emprego do CCT ou do CASC, conforme o conceito de “Ação Ditada pelo Reconhecimento” previsto no Manual Básico dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. A Seção de Operações deveria coordenar o emprego das

Operações Cinéticas do CCT, trocando informações com o S-2 e com o S-9. A Seção de Assuntos Cíveis, cujo braço operativo seria o CASC, estreitaria o contato com a população civil, obtendo valiosos informes para o S-2 ou colocando tropa, a título de estar executando Operações Cíveis-Militares, em pontos de importância operativa para o S-3.

A prática do emprego da Seção de Assuntos Cíveis forneceu alguns valiosos ensinamentos:

- existe uma diferença fundamental entre uma ACISO e uma Operação Civil-Militar. As ACISO, sendo basicamente assistencialistas, eram feitas sempre nas áreas mais carentes. As Operações Cíveis-Militares, por sua vez, têm sempre um propósito operacional, sendo realizadas nas áreas mais perigosas;
- esta seção em particular deve ser composta por militares vocacionados para interagir com a população carente;
- o domínio do idioma crioulo pelos militares da seção é um multiplicador de capacidades; e
- mesmo as Operações Cinéticas executadas pelo CCT devem ser acompanhadas por um Grupo de Operações Cíveis-Militares, que devem ficar em condições de mitigar danos colaterais, prestar primeiros socorros, colher informações e esclarecer a população sobre o propósito da operação, reduzindo, assim, interferências e reações indesejáveis.

## Eleições

Durante o período de atuação do 10º contingente ocorreram, em dois turnos, as eleições senatoriais do Haiti. O primeiro turno ocorreu em 19 de abril e o segundo em 21 de junho de 2009.

O planejamento para a segurança no período eleitoral previa o incremento gradual do patrulhamento da área, nos dias que antecediam, até um máximo de 100% que deveria ocorrer no dia da eleição. Para tanto, os (leaving) e arejamentos foram suspensos nos dez dias que antecediam e sucediam à eleição.

Assim, os quatro pelotões do CCT eram empregados nas patrulhas e nos Pontos de Segurança Estática (PSE) e formou-se um quinto pelotão, com militares do CASC para compor a reserva do grupamento. Foram posicionados PSE em frente aos principais Centros de Votação, enquanto os demais eram cobertos por patrulhas. O pelotão reserva ficava à bordo, em condições de ser empregado em qualquer dos centros de votação, particularmente, em tarefas de controle de distúrbios.

Na véspera das eleições eram realizadas as “Operações Pneu”, onde recolhiam-se pneus encontrados abandonados nas ruas e que poderiam ser queimados em manifestações. No primeiro turno, foram recolhidos cerca de 150 pneus e no segundo turno chegou-se a 300.

Os dois turnos da eleição senatorial transcorreram sem nenhum incidente na área do BRABATT como um todo.

# Operação Paradoxo

Durante a missão, pode-se validar, por meio do emprego integrado das Operações Cinéticas, de Inteligência e Cívico-Militares, alguns conceitos contidos nos manuais do (USArmy), FM 3-24 (COUNTERINSURGENCY) e FM 3-07 (STABILITY OPERATIONS). O conceito de Paradoxos das Operações de Estabilizações pode ser visto a seguir, lembrando que por recomendação do próprio manual, esses paradoxos não devem ser tomados como dogmas, devendo servir de orientação geral para a condição desse tipo de operação.

## Paradoxos das Operações de Estabilização

- 1) Algumas vezes, quanto mais você protege suas forças, menos seguras elas ficam;
- 2) Algumas vezes, quanto mais força é usada, menos eficaz ela é;
- 3) Quanto mais bem sucedida a Operação de Estabilização for, menos força pode ser usada e mais riscos devem ser aceitos;
- 4) Algumas vezes não fazer nada é a melhor reação;
- 5) Algumas das melhores armas para as Operações de Estabilização não tiram;
- 6) A nação anfitriã fazer algo razoável é, normalmente melhor do que se a Força de Estabilização estivesse fazendo o mesmo muito bem;
- 7) Se uma tática funciona esta semana, ela pode não funcionar semana que vem; se funciona nesta província pode não funcionar na próxima;
- 8) Sucesso tático não garante nada; e

Muitas decisões importantes não são tomadas pelos Comandantes.

Alguns desses paradoxos puderam ter sua validade comprovada na denominada Operação Paradoxo:

- em 14 de maio, uma patrulha noturna foi cercada por moradores da Base Van Vire, o local mais perigoso da AOp do Grupamento-Operativo, e foi agredida com pedras e garrafas; o tenente, mais antigo da patrulha, se viu obrigado a realizar um disparo de advertência para afastar a população e retrair.

- a primeira e natural idéia de reação a esta agressão foi intensificar o patrulhamento e buscar agressivamente os responsáveis pela afronta. Ao invés disso, observando os paradoxos citados, o comando optou por enviar um destacamento de Assuntos Cívicos ao local para tomar conhecimento do motivo da insatisfação e identificar os anseios da população. Decidiu-se por construir, no beco, uma caixa d'água, com captação de água da chuva. A construção da caixa d'água ocupou militarmente a região por algumas semanas e fez aumentar a interação com a população. Iniciou-se uma relação de confiança mútua. Passou-se a dar aula de português no beco. Após o término da obra, o caminhão pipa passou a ir diariamente ao local.



- no dia 18 de junho, ocorreu o chamado Incidente na Catedral. Por ocasião do velório de um importante bispo local, um cidadão haitiano faleceu durante um incidente em que tropas da MINUSTAH realizaram disparos de advertência para o alto, após terem sido agredidos por pedradas. Todo o desenrolar desses acontecimentos foi transmitido ao vivo, por algumas televisões e rádios, pois o importante velório estava sendo coberto pela mídia local. A tropa que estava realizando a detenção de um suspeito, em meio a um aglomerado de pessoas que acompanhavam o velório. A coincidência da morte do cidadão logo após os disparos de advertência, fez com que a multidão que assistia ao incidente acreditasse que os soldados haviam atirado contra o cidadão. Seguiu-se uma grande comoção, rapidamente transformada em imensa turba. Os protestos se alastraram pela vizinhança, até o Palácio Nacional. O cidadão falecido era um morador do Beco VanVire. Parte da turba dirigiu-se ao beco para insuflar a população local contra as tropas da MINUSTAH. Lá chegando, não encontraram respaldo, pois os moradores preferiram não aderir ao protesto; afirmaram, então, que tinham uma ótima relação com os soldados de sua região e que para eles não valia a pena protestar.

A resposta positiva da população veio comprovar alguns dos conceitos contidos nos Paradoxos das Operações de Estabilizações. Como vimos, “algumas das melhores armas não atiram”, apenas jorram água.

## Conclusão

Compor um Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais para emprego em uma missão real em território estrangeiro, sob a égide da Organização das Nações Unidas, não é tarefa para qualquer militar. São inúmeras as habilidades necessárias. Esses militares têm que ser, antes de tudo, fortes. Possuir um caráter forte. Pois só assim conseguem suplantar as dificuldades de toda ordem que os confrontam.

No início, a incerteza do processo de seleção, o rigor dos adestramentos, a iminência do afastamento prolongado do lar. Ao chegarem, defrontam-se com um ambiente diverso ao seu, clima diferente, cultura distinta, confinamento.

Somam-se a isto, as suscetibilidades de uma Missão de Estabilização. Deve-se caminhar sobre a tênue linha entre proteger e prover segurança à população, agindo sobre as ameaças, mas sem constranger ou importunar indevidamente os inocentes. Não pode haver nenhum dano cola-

teral. Além disso tudo, ainda há de haver energia e boa vontade para levar auxílio aos necessitados.

O adestramento e a habilidade necessários aos militares nesse tipo de missão são raros de se conseguir. Esta missão, definitivamente, não é para qualquer militar. Eu, como Comandante deste 10º Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais-Haiti, atesto que tive o privilégio de conhecer e a honra de trabalhar junto de alguns desses excepcionais combatentes.

De todos os fatos citados ao longo deste artigo, destaco como o de maior importância, a oportunidade de se acen-

drar o Espírito de Corpo do CFN, incrementando nosso CAPITAL MORAL. Durante todo o período em que estivemos envolvidos com a missão, desde o início da preparação, até as despedidas finais, testemunhei um sem número de relatos e manifestações de apreço, dedicação e amor ao Corpo de Fuzileiros Navais.

Os combatentes anfíbios, voluntários para essa difícil missão, merecem considerável reconhecimento institucional, pois são eles que, no fundo, forjam o tão aclamado Espírito de Corpo que tantos nos orgulhamos de possuir.



CT (FN) Daniel Marques Rubin  
dmrubinselva@hotmail.com

## Os pequenos escalões em operações militares em áreas urbanas

O emprego do ponto forte pelo Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais na missão das Nações Unidas para estabilização do Haiti durante o 5º e 6º contingentes

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a técnica operacional ponto forte, empregada por pequenos escalões na Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti, (MINUSTAH) e sua influência para o estabelecimento e manutenção do estado de normalidade na área de responsabilidade do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais Haiti (GptOpFuzNav Haiti), durante o 5º e o 6º contingentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Operações Militares em Áreas Urbanas. Operações de Paz. Pequenos escalões. Estado de normalidade.

### Introdução

Historicamente, percebe-se que os conflitos urbanos modernos tendem a se desenvolver cada vez mais em áreas urbanas, onde a dificuldade de comando e controle impõem à necessidade de planejamento centralizado e execução descentralizada, onde a iniciativa individual e o trabalho em pequenas frações, principalmente nos níveis pelotão e grupo de combate, são fundamentais para o sucesso das operações.

Por outro lado, o aumento da demanda por Operações de Paz é conseqüência da diversidade e quantidade de conflitos do mundo atual e tem como origem fatores históricos, políticos, culturais, religiosos entre outros. Por se tratar de uma operação militar, essa modalidade também tende a se desenvolver em ambientes urbanos, como no da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH).

A projeção de poder de combate possibilitada pelo emprego da técnica operacional ponto forte nesse tipo

de missão, a qual consiste em intensos patrulhamentos, checkpoints e operações diversas, funcionando como uma base operacional dentro de regiões críticas da capital haitiana, logo chamou a atenção do comando do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais Haiti, que, entre o 5º e o 8º contingentes, passou a ocupar quatro pontos fortes, três deles na região Drouillard, Bois Neuf, com o emprego de pequenos escalões.

Constatou-se nesse período, principalmente, a partir de março de 2007, o estado de normalidade, caracterizado principalmente pela liberdade de movimento das tropas da MINUSTAH e demais órgãos públicos haitianos, fuga e detenção dos principais bandidos e notória simpatia da população para com a Força de Paz.

Diante do emprego da técnica de ponto forte na área de responsabilidade do GptOpFuzNav Haiti durante o 5º e o 6º contingentes e da mudança dos aspectos que medem o estado de normalidade, o presente artigo apresenta a importância do emprego de pontos fortes no restabelecimento e manutenção do estado de normalidade na área de responsabilidade do GptOpFuzNav Haiti.

### O Problema Haitiano

Ao longo da história, a ausência do poder do estado em boa parte do território haitiano provocou a proliferação de vários grupos armados, como, por exemplo, os chiméres. Nos últimos tempos, tais grupos passaram a dedicar-se a qualquer tipo de atividade de seus interesses, normalmente ilícita.

Geralmente, as regiões mais carentes de serviços públicos, aquelas menos favorecidas pelo poder do Estado,